

O UNIVERSAL E O EXÓTICO NA RECEPÇÃO DE REESCRITAS E TRADUÇÕES DE *GRANDE SERTÃO: VEREDAS* NA ALEMANHA

THE UNIVERSAL AND THE EXOTIC IN THE RECEPTION OF REWRITINGS AND TRANSLATIONS OF GRANDE SERTÃO: VEREDAS IN GERMANY



Otavio Cordeiro PINTO
Mestrando

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/1082770300206662>
<https://orcid.org/0009-0006-3247-2418>
otavio.cord@gmail.com

Teresa Dias CARNEIRO
Professora

Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
Departamento de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/2583988759143754>
<https://orcid.org/0000-0002-9774-1176>
teresadcarneiro@puc-rio.br

Resumo: O presente artigo pretende investigar alguns dos processos de reescrita e retradução pelos quais o romance de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (1956), passou e passa, com foco na recepção das traduções do livro para a língua alemã e em declarações de atores envolvidos nos diferentes processos de reescrita analisados. A análise será feita apoiando-se nas elaborações sobre reescrita de André Lefevere (1992) e de retradução de Álvaro Faleiros e Thiago Mattos (2017). O estudo parte da tese de *Grande Sertão: Veredas* (1956) como reescrita crítica de *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha, pela primeira tradução para o alemão, *Grande Sertão: Roman* (1964), feita por Curt Meyer-Clason, e pelo projeto de retradução — ainda não finalizado — de Berthold Zilly. Durante esse percurso, propõe-se uma análise das reescritas de *Grande Sertão: Veredas* como manipulações que podem motivar leituras da obra a partir de um ponto de vista mais exótico ou universal. O estudo se inicia no olhar mais exotizante do sertão e de seu povo, presente em *Os Sertões*; parte para a dimensão mais universal conferida ao sertão em *Grande Sertão: Veredas*; até a primeira tradução de Meyer-Clason, vista novamente pendendo ao exotismo; e conclui na retradução de Zilly, que já se desenha, mesmo antes de sua publicação, como uma reescrita que se propõe mais universal.

Palavras-chave: Estudos da Tradução. Tradução literária. Retradução. Reescrita. Guimarães Rosa.

Abstract: This article aims to investigate some of the processes of rewriting and retranslation that João Guimarães Rosa's novel, *Grande Sertão: Veredas* (1956), has undergone and is undergoing, with a focus on the reception of the translations of the book into German and on statements of the actors involved in the different rewriting processes analyzed. The analysis will be based on André Lefevere's (1992) elaborations on rewriting and Álvaro Faleiros and Thiago Mattos's (2017) elaborations on retranslation. The study starts with the thesis of *Grande Sertão: Veredas* (1956) as a critical rewriting of *Os Sertões* (1902), by Euclides da Cunha, the first translation into German, *Grande Sertão: Roman* (1964), by Curt Meyer-Clason, and the retranslation project - not yet finalized - by Berthold Zilly. During this course, it is proposed an analysis of the rewritings of *Grande Sertão: Veredas* as manipulations that can motivate readings of the work from a more exotic or universal point of view. The study begins with the more exoticizing view of the sertão and its people, present in *Os Sertões*; moves on to the more universal dimension given to the sertão in *Grande Sertão: Veredas*; up to Meyer-Clason's first translation, seen again as leaning towards exoticism; and concludes with Zilly's retranslation, which even before its publication can already be seen as a more universal rewriting.

Keywords: Translation Studies. Literary Translation. Rewriting. Retranslation. Guimarães Rosa.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Os Sertões e a Reescrita na Gênese de Grande Sertão: Veredas

A obra máxima de João Guimarães Rosa, *Grande Sertão: Veredas* (1956), é um dos livros seminais na construção da representação do sertão na literatura brasileira. Essa construção, no entanto, não se iniciou com Guimarães Rosa. A paisagem do sertão e seu povo já figuravam no cânone da literatura nacional havia décadas — notavelmente em *Os Sertões* (1902), de Euclides da Cunha. O relato documental de Euclides registra o embate entre as forças da República recém-instaurada e a população sertaneja da comunidade de Canudos, liderada por Antônio Conselheiro nos anos de 1896 e 1897.

Willi Bolle, em seu livro *grandesertão.br: o romance de formação do Brasil* (2004), propõe um estudo comparativo entre *Grande Sertão: Veredas* (GSV) e *Os Sertões*. Bolle elabora a hipótese de que GSV pode ser lido como uma reescrita crítica de *Os Sertões*. Guimarães Rosa, apesar de nunca ter declarado abertamente seu romance como uma resposta a Euclides, escreveu sobre o autor e seu legado. Rosa valorizava a influência positiva de *Os Sertões* na forma como o povo sertanejo era visto no país, mas também o criticava, fazendo apontamentos que seriam posteriormente, na visão de Bolle, “respondidos” em GSV:

3

Foi Euclides quem tirou à luz o vaqueiro, em primeiro plano e como o essencial do quadro [...]. Em *Os Sertões*, o mestiço limpo adestrado na guarda dos bovinos [...] ocupou em relevo o centro do livro. [...]

Daí, porém, se encerrava o círculo. De então tinha de ser como se os últimos vaqueiros reais houvessem morrido no assalto final a Canudos. Sabiam-se, mas distanciados, no espaço menos que no tempo, que nem mitificados, diluídos (Rosa como citado em Bolle, 2004, pp. 27-28).

Rosa, ao mesmo tempo que reconhece a importância de Euclides da Cunha e seu mérito em levar o sertanejo ao palco central e tratá-lo como ser histórico, também critica o escritor por ter mitificado o povo de Canudos e decretado a “morte” do sertanejo ao fim da guerra. É esse segundo resgate do sertanejo que Rosa, segundo Bolle, toma como projeto em GSV. Guimarães constrói o sertanejo como protagonista vivo e com voz própria, afastando-se da visão euclidiana mitificadora, buscando tratar o povo sertanejo não como objeto exótico de estudo científico, como o faz Euclides, mas como ser universal.

A oposição entre as duas obras manifesta-se, por exemplo, na escolha de seus narradores (Bolle, 2004). Euclides, homem culto da capital, fala sobre o sertanejo quase sem

dar espaço à fala e ao ponto de vista do próprio sertanejo. Rosa, no entanto, escreve seu romance todo do ponto de vista do jagunço Riobaldo, que relata, com sua própria linguagem, a sua vida para um homem letrado que apenas o ouve.

O texto de Willi Bolle não menciona diretamente André Lefevere, portanto o que o autor chama de “reescrita” pode não ser estritamente o que Lefevere conceitua. Entretanto, a hipótese de Bolle ainda pode ser analisada sob a luz da teoria de Lefevere.

O conceito de reescrita de André Lefevere, exposto em seu livro de 1992, *Translation, Rewriting, & the Manipulation of Literary Fame*¹, discute a aceitação ou rejeição e a canonização ou não-canonização de uma obra em um sistema literário. O autor afirma que a recepção de um livro não se dá apenas por um “valor intrínseco” ao texto, mas por fatores concretos como poder, ideologia e manipulação. Os “reescritores” de um sistema literário seriam os grandes responsáveis pela recepção de uma obra pelo público leitor que Lefevere denomina como “não-profissional” — isto é, o público leitor em geral, em oposição aos leitores “profissionais”, como estudiosos da literatura (Lefevere, 1992).

Para André Lefevere, a maior parte dos leitores não lê a literatura como é escrita pelos autores, mas como é reescrita pelos reescritores. A reescrita ocorre, por exemplo, pela antologização de “clássicos”, por reedições de dada obra e, mais explicitamente, pela tradução. Reescritores são capazes de “criar imagens de um escritor, obra, período, gênero, às vezes de toda uma literatura”² (Lefevere, 1992, p. 5). Analisando Guimarães Rosa como um reescritor de Euclides da Cunha, pode-se refletir sobre como GSV reescreve o gênero — se assim pode ser denominado — da literatura do sertão.

A reescrita, afirma Lefevere, é produzida a serviço, ou sob as restrições, de certas correntes ideológicas e/ou poetológicas. O teórico define ideologia como o conceito dominante daquilo que a sociedade deveria ser, e a poética como o conceito dominante do que a literatura deveria ser. A reescrita frequentemente ocorre a fim de tornar uma obra aceitável à poética e ideologia de dado tempo e lugar (Lefevere, 1992).

É necessário destacar que “ideologia” é um termo polissêmico, utilizado por diversos autores de campos muito distintos. A conceituação do termo por Lefevere pode não estar alinhada ao que é comumente entendido como ideologia, que por vezes assume conotação negativa. Para o autor, toda sociedade tem sua organização baseada em dada ideologia. Dessa forma, indivíduos que, por exemplo, estão em uma posição elevada de certa organização irão buscar preservar a ideologia que estrutura essa sociedade, assim como combater ideologias que considerem rivais (Lefevere, 1992).

Santo Agostinho teria sugerido reinterpretar passagens controversas da Bíblia até que os escritos se alinhassem com os ensinamentos — as correntes ideológicas — da Igreja (Lefevere, 1992). O esforço de reinterpretação, mesmo que não necessariamente altere o texto em si, pode ser visto como uma forma de reescrita. Já a reescrita por motivos poetológicos pode ser vista na tradução de Edward Fitzgerald dos poemas persas do *Rubayyat*, de Omar Khayyam. Fitzgerald afirmava que os poemas deveriam ser reescritos para serem lidos da forma que a corrente poética dominante do tempo ditava (Lefevere, 1992).

A teoria da reescrita de Lefevere confronta a noção de que “clássicos” da literatura escritos por supostos gênios estão, apenas por seu valor intrínseco, suspensos em um vácuo a-histórico. Esses textos são continuamente reescritos por professores ou críticos ao longo do tempo. No entanto, para Lefevere, a reescrita não deve ser vista como uma conspiração mal-intencionada que pretende controlar o leitor (Lefevere, 1992). A “manipulação” em Lefevere não possui necessariamente caráter positivo ou negativo, é simplesmente um processo histórico e cultural.

5 ***Grande Sertão: Veredas* e a Reescrita de *Os Sertões* pela Ideologia e Poetologia**

Considerando a hipótese de Willi Bolle de GSV como uma reescrita de *Os Sertões*, os aspectos ideológicos e poetológicos desse processo de reescrita podem ser analisados. Para explorar a dimensão ideológica da reescrita de *Os Sertões*, é preciso estabelecer sob qual corrente ideológica Euclides da Cunha escreveu seu livro e, posteriormente, em que cenário Guimarães Rosa o “reescreveu” em GSV.

Euclides da Cunha, apesar de conhecido por denunciar a Campanha de Canudos como um crime, a princípio não foi contrário à intervenção militar de Canudos. Como expõe Roberto Ventura no artigo *Euclides da Cunha e a República* (1996), Euclides era alinhado à visão positivista dos militares republicanos da época e aderiu ao discurso de que a Guerra de Canudos era uma luta contra a restauração da monarquia no país. Euclides comparava, com ares de glória, o cenário brasileiro à Revolução Francesa, que havia enfrentado uma contrarrevolução na Guerra da Vendéia, em um embate contra um levante camponês monarquista ocorrido em 1793 (Ventura, 1996).

Mesmo em *Os Sertões*, no qual já denunciava a Campanha de Canudos como crime, Euclides não se afasta por completo das correntes ideológicas de seu tempo. Sua visão positivista e cientificista é evidente no texto. O autor propõe um ensaio científico sobre o sertão e seu povo, tratando-os como objeto de estudo. Suas análises deterministas, no entanto, são

vistas hoje como preconceituosas, embasadas em teorias raciais e etnográficas que se revelariam pseudocientíficas. O racismo e condescendência de Euclides para com seu “objeto de estudo”, mesmo após o autor aparentemente mudar de posição quanto à Guerra de Canudos, ainda estão presentes em sua visão exotizante do povo sertanejo (Bolle, 2004).

São essas correntes ideológicas que, sob certa análise, Guimarães Rosa pretende enfrentar em GSV. Passados mais de 50 anos da publicação de *Os Sertões*, Rosa escrevia sob uma ideologia vigente muito distinta — nota-se que Rosa não está destacado de uma ideologia, mas sim pertence a outro contexto e é influenciado por outra ideologia dominante. Willi Bolle (2004) cita algumas das mudanças ocorridas no Brasil e no mundo entre 1902 e 1956:

Entre as principais causas dessa nova escrita estão o avanço da industrialização e da tecnologia, o desenvolvimento explosivo das cidades, a revolução da mídia, a expansão dos mercados e a exacerbação do imperialismo em duas guerras mundiais, a emergência das massas no cenário político e o despertar de uma consciência do “Terceiro Mundo” — que levou a uma revisão radical das relações entre o habitante dos centros do poder e o *outro*, antigamente longínquo e “exótico” (Bolle, 2004, p. 34).

6

Além disso, Guimarães Rosa, apesar de não ter sido um homem pobre, nasceu e cresceu no Norte de Minas Gerais e teve contato próximo com a população que viria a protagonizar seu romance. Rosa escreveu GSV no momento do “despertar da consciência do ‘Terceiro Mundo’” (Bolle, 2004, p. 34), construindo seus personagens sertanejos não do ponto de vista positivista e exotizante de Euclides, mas de forma a dotá-los de voz e consciência própria. Mesmo que ainda distantes do leitor e expressos em uma linguagem marcadamente regional, Rosa torna seus personagens familiares e universais para o brasileiro. Dessa forma, a hipótese de GSV como reescrita crítica de *Os Sertões* pode ser vista como um exemplo de processo de reescrita que foi, ao menos em parte, ideologicamente motivada — nos termos de André Lefevere.

Assim como a hipótese de Bolle pode ser analisada do ponto de vista da ideologia, também é possível investigar seus aspectos poetológicos. Willi Bolle cita a comparação que Antonio Candido fez entre *Os Sertões* e GSV, contrapondo os “hábitos realistas” de Euclides à “liberdade de inventar” de Rosa (Bolle, 2004). Em 1956, o realismo documental de Euclides já era canônico na literatura brasileira havia 50 anos; a poética da época já estava distante desse momento. Guimarães não buscava o relato documental euclidiano; em vez disso, afirma Bolle, fomentava leituras existenciais, esotéricas e metafísicas de seu romance, valorizando a

“dimensão ‘metafísico-religiosa’ de sua obra em detrimento da ‘realidade sertaneja’” (Bolle, 2004, p. 25).

A metafísica e o existencialismo em GSV tornam-se, em parte por influência de seu próprio autor, temas centrais para a trama. Novamente, pode ser visto um movimento em direção a temas universais, que escapam da visão exotizante em relação ao sertão. Em GSV, como diz uma das falas mais famosas do livro, “o sertão é o mundo”, um lugar universal, não um cenário selvagem longínquo habitado por pessoas “atrasadas”.

A Reescrita de *Grande Sertão: Veredas* por Curt Meyer-Clason na Primeira Tradução para o Alemão

Segundo André Lefevere (1992), o processo de reescrita pode ocorrer pela historiografia, crítica, antologização, editoração e por seu tipo mais óbvio, a tradução. A reescrita pela tradução é potencialmente a forma mais influente, pois é capaz de projetar a imagem de um autor e/ou obra em outra cultura, levando esse autor e/ou obra além das fronteiras de sua cultura de origem (Lefevere, 1992). Portanto, estudar o processo de reescrita de GSV na Alemanha passa invariavelmente por sua tradução para a língua alemã.

7

Em 1962, o Ministério de Relações Exteriores da Alemanha Ocidental convidou um grupo de escritores latino-americanos, entre eles Guimarães Rosa, para uma viagem à Alemanha, como afirma Stefan Kutzenberger (2005) em seu livro *Europa in Grande Sertão: Veredas / Grande Sertão: Veredas in Europa*. Kutzenberger não fornece maiores detalhes da viagem, mas relata que durante a sua estadia, Rosa esteve na Feira do Livro de Frankfurt, onde teve contato com Joseph Caspar Witsch, um dos fundadores da editora alemã Kiepenheuer & Witsch — importante editora, pela qual autores como J. D. Salinger e Gabriel García Marquez haviam sido publicados. O editor, mesmo sem nunca ter lido GSV ou qualquer outra obra de Rosa, acordou a publicação das obras do escritor brasileiro na Alemanha. A Kiepenheuer & Witsch teria um papel importante no *boom* da literatura latino-americana na Alemanha (Kutzenberger, 2005). A obra de Guimarães Rosa e a literatura brasileira tiveram um período de sucesso durante a década de 1960 na Alemanha, com número expressivo de exemplares vendidos e publicações também na Alemanha Oriental.

O tradutor escolhido para trabalhar na edição alemã de GSV foi Curt Meyer-Clason, reconhecido pelo seu trabalho com literatura brasileira, já tendo traduzido até então autores como Machado de Assis, Clarice Lispector e Jorge Amado. Além disso, Meyer-Clason já havia demonstrado interesse em traduzir GSV em cartas trocadas com Guimarães Rosa em 1958

(Kutzenberger, 2005). Em 1964, GSV foi publicado na Alemanha pela Kiepenheuer & Witsch, sob o título de *Grande Sertão: Roman* [Grande Sertão: Romance].

Apesar de Guimarães Rosa ter sido sempre elogioso da tradução de Meyer-Clason, é possível investigar certo conflito entre o que Rosa esperava que fosse a tradução de GSV e a recepção do que Meyer-Clason de fato produziu. Essa análise, assim como a comparação entre *Os Sertões* e GSV, pode ser feita seguindo a proposta de um tensionamento entre as aspirações universais de Guimarães Rosa em oposição à reescrita possivelmente exotizante de Meyer-Clason. Enfatiza-se que a proposta do par de oposição “universal x exótico”, apesar da possibilidade de haver convergências, não corresponde necessariamente às noções de “domesticação x estrangeirização” — ou outras denominações análogas — discutidas por autores como Friedrich Schleiermacher em *Ueber die verschiedenen Methoden des Uebersetzens* (1813) e Antoine Berman em *L'Épreuve de l'étranger* (1984)³.

Antes de abordar a recepção da tradução de Meyer-Clason, é importante investigar quais eram as expectativas de Guimarães Rosa com a tradução alemã. No mesmo ano do encontro de Rosa com Witsch na Feira de Frankfurt, o autor concedeu uma entrevista para um programa de TV alemão⁴ — não é claro se a entrevista e o encontro com Witsch ocorreram durante a mesma viagem. Na ocasião, a tradução ainda não estava finalizada e o livro só seria publicado dois anos depois, no entanto, é provável que Rosa já tivesse consciência de que seu romance seria publicado em breve no país. Dessa forma, tudo o que é dito por Guimarães pode ser visto como o início da “publicidade” de seu livro na Alemanha.

Na entrevista, Rosa não se demora explicando ao entrevistador como exatamente é a paisagem do sertão — tarefa que recai sobre o intérprete. O entrevistador pergunta se o romance retrata esses estados do sertão e do interior do Brasil ou se é apenas um título simbólico. Rosa responde dizendo ser “combinado”, mas parece dar maior destaque a uma dimensão específica do romance: “[o cenário] tem um fundo telúrico, real [...] aí passa-se uma história com transcendência, visando até o metafísico. Seria quase uma espécie de um Fausto sertanejo” (Rosa citado por Bolle, 2004, p. 25). Guimarães Rosa promove uma leitura metafísica de seu livro — novamente, o autor evoca o aspecto universal de sua história. Além disso, relaciona sua narrativa ao personagem de Fausto — tradicional da cultura alemã —, aproximando de certa forma o sertão da Alemanha.

Guimarães Rosa demonstrava ter uma expectativa especial pela versão em alemão de GSV. O autor estudou a gramática alemã desde muito jovem⁵, era familiarizado com a cultura alemã, dado seu trabalho na Alemanha como diplomata, e GSV possuía intertextualidade com

o personagem alemão Fausto. Essa expectativa é comentada por Fábio Barbosa em seu texto *Leituras de Grande sertão: veredas: sua tradução alemã e a correspondência de Guimarães Rosa com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason* (2010):

[O autor tinha] intenções de fazer da tradução alemã de *Grande Sertão: Veredas* a mais fiel versão do texto em português graças aos recursos de que, na perspectiva do autor, esta língua dispõe e que ele considera potencialmente funcionais para a recriação de sua obra em tradução (Barbosa, 2010, p. 64).

É passível de questionamento, entretanto, se as expectativas de Rosa foram de fato atingidas — mesmo que o autor tenha sido publicamente elogioso da tradução. Bernardo Esteves, em matéria na *Revista Piauí* intitulada “O jagunço de Munique” (2012), cita Curt Meyer-Clason em troca de correspondências com Guimarães Rosa; o tradutor alemão, em tom bem-humorado, deixa claro que não teve como objetivo reproduzir na língua alemã as marcas de regionalismo ou maiores inovações estilísticas presentes na linguagem do narrador e protagonista Riobaldo:

O senhor alguma vez já viu um centroavante alemão dar uma bicicleta? [...] Se ousasse dar as mesmas bicicletas e gingados linguísticos e as mesmas piruetas sintáticas como Rosa, cairia com o traseiro no chão (Meyer-Clason como citado em Esteves, 2012, s/n).

E prossegue, comentando a dificuldade de retratar o sertão, um ambiente sem referência para o leitor alemão, e justificando sua posição:

Na Alemanha não há sertão, não há Nordeste e não conhecemos a “fala do matuto” [...] [Seria um equívoco] projetar num dialeto de qualquer região rural da Alemanha o linguajar infantil, o enlevo lúdico, a mistura inconfundível de familiaridade e desconfiança, de melancolia e arbitrariedade [...] Riobaldo fala o alto alemão (Meyer-Clason como citado em Esteves, 2012, s/n).

Meyer-Clason opta pelo apagamento dos regionalismos da fala de Riobaldo, traduzindo seu discurso para o alto alemão, a norma padrão da língua, que serve de variante comum e inteligível entre os falantes dos diversos dialetos existentes em toda a Alemanha.

É preciso esclarecer que a proposta de análise da tensão entre o exótico e o universal nas reescritas de GSV não é aplicável de forma unívoca. Como todo processo de reescrita, a que analisamos envolve sistemas e agentes complexos, dos quais inevitavelmente surgem contradições. É válido dizer que o apagamento de regionalismos pode contribuir para o romance tornar-se mais familiar — e, assim, mais universal — ao leitor alemão. Porém, pode-se argumentar que Meyer-Clason poderia estar replicando o que Euclides da Cunha fez em *Os Sertões*, quando o autor “silenciou” a voz do povo sertanejo, expondo apenas um discurso na norma culta, que fala *sobre* o sertanejo. Suprimir as particularidades e diferenças da linguagem não necessariamente torna o romance mais universal; pode, ao contrário, tornar a narrativa superficial, conferindo-lhe certo ar exótico.

Essa análise, no entanto, não pretende vilanizar Curt Meyer-Clason, imputando-lhe más intenções e desonestidade. Como afirma Lefevre, o processo de reescrita ou manipulação não deve ser visto como uma conspiração que pretende “trair” deliberadamente o autor de um texto (Lefevre, 1992). A tradução de Meyer-Clason não se torna “ilegítima” por conter pontos passíveis de discussão ou problematização. O tradutor alemão era um homem em dado contexto, assim como sua tradução; críticas que podem surgir não diminuem o papel de Meyer-Clason como um importante agente da literatura latino-americana na Alemanha, que produziu traduções de grande relevância em seu tempo.

Fábio Barbosa fornece alguns argumentos para a afirmação de que a tradução de Meyer-Clason acaba produzindo uma visão exotizante de GSV. O glossário que acompanha a tradução na edição alemã do romance pode ser visto como uma das ocorrências nas quais o texto de Rosa é reescrito de forma mais superficial. As palavras do glossário, mantidas em português na tradução, são apresentadas para o leitor alemão apenas como verbetes, com seus significados estáveis, dicionarizados, sem considerar as nuances e múltiplos significados que cada termo pode ter na narrativa (Barbosa, 2010).

Apresentando os termos do romance apenas de forma superficial, Meyer-Clason pode acabar apagando a dimensão metafísica e transcendental do texto que Guimarães Rosa repetidamente destaca. O sertão torna-se apenas um cenário, um lugar no qual a história se passa. Uma leitura superficial do sertão é confrontada pelo próprio texto; o narrador de Rosa afirma diversas vezes: “o sertão é o mundo”.

Novamente surge a tensão entre exótico e universal. Enquanto a tradução de Meyer-Clason pode retratar o sertão como um cenário longínquo, Guimarães o descreve não só como

parte do mundo, mas como reflexo dele. Barbosa também chama atenção para algumas palavras em português que estão presentes no texto, mas ausentes no glossário, e comenta:

A conservação de palavras da língua portuguesa, no texto em alemão, pode ter, então, o papel inconfesso do tradutor de invocar e incorporar a seu texto um certo tom de exotismo com o qual espera que o sertão, um espaço físico distante e desconhecido do público leitor alemão, desperte-lhe o interesse (Barbosa, 2010, p. 62).

Destaca-se também que a recepção do público alemão não é construída apenas por uma publicação, mas envolve outros processos de reescrita passados:

A imagem que se forma relativamente ao sertão de *Grande sertão: veredas* vai aderindo cada vez mais às suas configurações enquanto espaço físico no texto alemão. Tal construto vai se delineando, portanto, e em certa medida, como aquele de uma realidade física que vai de encontro ao estereótipo do território do interior de um Brasil exótico (do ponto de vista alemão), tal como o imagina o leitor de literatura brasileira, na Alemanha, o qual, provavelmente, já leu em alemão Jorge Amado (Barbosa, 2010, p. 66).

As traduções da obra de Jorge Amado — embora fora do escopo deste trabalho — são outro caso que pode ser investigado quanto à construção de uma visão exotizante do Brasil. Marcel Vejmelka analisa um caso de visão exotizante de Meyer-Clason em seu livro *A obra de Jorge Amado nas Alemanhas Oriental e Ocidental: suas recepções e traduções*. Vejmelka compara as duas traduções de *Quincas Berro d'Água* feitas paralelamente na Alemanha Ocidental e Oriental. Segundo o autor, a edição ocidental — traduzida por Meyer-Clason —, ao apagar diferenças culturais, faz com que “o texto da tradução se torne um texto alemão, que, entretanto, não se lê como tal” (Vejmelka, 2008, p. 143). Vejmelka chega a uma conclusão que ecoa a de Barbosa: “a natureza do exotismo é justamente essa apropriação do estrangeiro ‘como estrangeiro’. É o que se traz para o ‘próprio’ mundo, sem recebê-lo de fato” (Vejmelka, 2008, p. 143). A recepção de GSV na Alemanha não escapa aos estereótipos já construídos previamente, principalmente considerando a já estabelecida popularidade de Jorge Amado.

Stefan Kutzenberger também considera a reprodução mais superficial do texto de Rosa por Meyer-Clason como um fator que pode ter contribuído para a recepção do público alemão de GSV ter tido enfim um caráter “consumista de exotismo” (Kutzenberger, 2005).

A “resposta” de Guimarães Rosa à não realização de seus ideais sonhados para uma tradução alemã de GSV é comentada por Fábio Barbosa. Segundo o autor, Rosa redireciona sua “confiança” do tradutor para o leitor e descreve então uma expectativa depositada em um leitor alemão idealizado:

[...] em três particularidades, pelo menos, o leitor alemão se diferencia do leitor norte-americano, com relação a um romance destes: 1) *quanto ao pensamento metafísico*; [ênfase adicionada] 2) a visão mais minuciosa das paisagens, da natureza; 3) a poesia implícita. Creio que, quanto a estes três pontos, o alemão (assim como os escandinavos etc.) reage de modo positivo; enquanto que, os norte-americanos, reagem mais para o meio-negativamente (Rosa como citado em Barbosa, 2010, p. 65).

Barbosa (2010) comenta a fala de Rosa:

12

Ao considerar o leitor alemão da forma acima declarada – e mesmo que tivesse razão em todos os pontos de seu posicionamento – Guimarães Rosa não atenta para o fato de que os leitores reais – diferentes desse leitor ideal que constrói para seus textos – estão irremediavelmente contaminados com os estereótipos de seu horizonte de expectativas, o que vai transformar indelevelmente os processos de recepção, de interpretação e de entendimento de seus textos (Barbosa, 2010, p. 65).

Fábio Barbosa não o diz nominalmente, mas sua análise alinha-se muito com a teoria de André Lefevere. Rosa espera ainda mais do que a recepção do “leitor profissional” de Lefevere; o escritor parece esperar um leitor ideal que seria capaz de, mesmo após a interferência de múltiplos agentes manipuladores e o possível apagamento da dimensão metafísica do texto após a reescrita, capturar certa “essência” ou “espírito” abstratos, mas supostamente intrínsecos ao texto. A afirmação de Rosa negligencia todos os processos de reescrita aos quais o público leitor está sujeito antes e depois de ter contato com o texto de GSV.

A Ideologia e a Poetologia na Reescrita de *Grande Sertão: Veredas* por Curt Meyer-Clason

O apagamento da dimensão metafísica do romance, preterido em relação a noções e lugares concretos e estáveis, na tradução de GSV por Curt Meyer-Clason, pode ter sido elemento fundamental para que a tradução de GSV tenha tido seus aspectos mais universais enfraquecidos em relação a uma visão mais exótica da narrativa. As motivações ideológicas ou poetológicas dessa abordagem são dadas em parte pelo próprio tradutor.

Devido ao trauma provocado pelo Terceiro Reich, com doze anos de existência, ficaram marcas tão profundas no povo, que ainda hoje não foram totalmente superadas. Daí o leitor em geral, e particularmente o crítico, ter muito medo da metafísica. A ficção de teor metafísico não provoca, hoje, a atração que provocaria há vinte anos, nos tempos de Hermann Hesse e Thomas Mann. O que empolga o leitor alemão, na obra de Rosa, é a côr, a plasticidade, a fôrça, a vitalidade cíclica (Meyer-Clason como citado em Barbosa, 2010, p. 66).

13

Torna-se explícito que a reescrita de Meyer-Clason foi condicionada pela ideologia vigente — ou ao menos pela visão do tradutor da ideologia de seu tempo. O trauma do nazismo na Alemanha, mesmo passados quase 20 anos, seria responsável pela negação de discussões de teor metafísico na sociedade alemã. Como descreve Lefevere (1992), o reescritor é capaz de adaptar e manipular uma obra a fim de conformá-la à ideologia vigente.

A fala de Meyer-Clason também pode ser vista como uma motivação poetológica para a sua reescrita. O tradutor afirma que, além do trauma do nazismo, a ficção metafísica não atrai mais os leitores de seu tempo como ocorria no passado. Portanto, uma reescrita que privilegiasse outros aspectos — como a “vitalidade cíclica”, por mais abstrato que o termo pareça —, estaria conformando GSV também às correntes poetológicas vigentes. Ademais, não é necessário que Meyer-Clason esteja certo em suas afirmações sobre as correntes ideológicas e poetológicas para que o processo de reescrita ocorra. A afirmação — feita por Meyer-Clason ou outra pessoa relevante no contexto — de que dada interpretação do texto de Guimarães Rosa é mais ou menos adequada já é parte do processo de reescrita, pois é capaz de influenciar a recepção do público.

Como discutido, uma possível consequência das estratégias tradutórias de Curt Meyer-Clason é o deslocamento da recepção de GSV para um lado mais exótico, afastando-se do universal. As declarações do tradutor alemão parecem dar algumas evidências do papel

inconfesso — como diz Fábio Barbosa (2010) — do tradutor de invocar um tom de exotismo ao livro. A associação do romance a termos como “cor” e “vitalidade” (Meyer-Clason como citado em Barbosa, 2010), ou a comparação da linguagem de Rosa com “bicicletas de centroavantes brasileiros”, “gingados” e “piruetas” denotam certa ótica exótica por parte de Meyer-Clason (Meyer-Clason como citado em Esteves, 2012).

Há ainda a possibilidade de as motivações para as estratégias tradutórias serem de caráter mais pessoal. Bernardo Esteves, em seu artigo já citado para a *Revista Piauí*, conta a história de Meyer-Clason antes de se tornar tradutor, quando morou no Brasil trabalhando como comerciante a partir de 1936. Em 1942, durante o período do Estado Novo no Brasil e durante a Segunda Guerra Mundial, Meyer-Clason foi preso acusado de ser um espião do Terceiro Reich. Embora haja documentação das correspondências que o tradutor enviava à embaixada alemã, o tradutor negou ter sido um espião reiteradas vezes, afirmando que as cartas continham apenas informações comerciais abertas a exportadores e importadores (Esteves, 2012).

Kathrin Rosenfield, em seu capítulo no livro *Guimarães Rosa und Meyer-Clason* (2020), supõe que o medo da metafísica atribuído por Meyer-Clason ao público alemão surgia de certo sentimento de culpa carregado por ele, dado seu suposto envolvimento com o regime nazista. Para Rosenfield, esse suposto medo da metafísica por parte do público não se sustentava, e só poderia originar-se “em uma cabeça cheia de incertezas ideológicas” (Rosenfield, 2020, p. 253).

14

A Retradução de *Grande Sertão: Veredas* para o Alemão

Em 2011, 47 anos após a primeira publicação de GSV na Alemanha, a editora Hanser encomendou uma retradução do romance de Guimarães Rosa a Berthold Zilly, que se tornou no mesmo ano professor voluntário no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina⁶. Zilly traduziu livros como *Os Sertões*, de Euclides da Cunha; *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto; e *Lavoura Arcaica*⁷, de Raduan Nassar. O tradutor recebeu em 2019, para a tradução de GSV, o Zuger Übersetzer-Stipendium, bolsa de trabalho no valor de 50.000 francos destinada a tradutores de países de língua alemã. A nova tradução, *Große Sertão: Querungen* [Grande Sertão: Travessias], título provisório do livro, ainda não foi finalizada, no entanto uma análise teórica sobre a retradução e os processos de reescrita já em andamento da nova versão de GSV pode ser feita.

A retradução, apresentam Álvaro Faleiros e Thiago Mattos no livro *A retradução de poetas franceses no Brasil* (2017), é uma prática tão recorrente quanto a tradução, a qual diversos teóricos já abordaram. Segundo os autores, é natural que a retradução seja tão comum, uma vez que não há leituras unívocas e definitivas de um texto (Faleiros & Mattos, 2017) — especialmente considerando um texto que por si só instiga múltiplas interpretações.

Há diversas maneiras de se definir retradução, trabalho ao qual muitos autores, que naturalmente podem divergir, já se dedicaram. Uma das definições possíveis, a de Yves Gambier, é fornecida por Faleiros e Mattos:

A retradução seria uma nova tradução, em uma mesma língua, de um texto já traduzido, integralmente ou em parte. Estaria ligada à noção de reatualização dos textos, determinada pela evolução dos receptores, de seus gostos, de suas necessidades, de suas competências (Gambier como citado em Faleiros e Mattos, 2017, p. 10).

15

Os motivos da retradução e em que cenários a prática ocorre são objetos de discussão que precedem e sucedem Gambier. Acima de tudo, a retradução precisa ser analisada, como tantas outras questões em Estudos da Tradução, sob o ponto de vista de uma prática que ocorre “de forma parcial e não neutra”. Assim como a tradução é estudada como “ato crítico conduzido por um sujeito historicamente situado”, a retradução também deve ser. Retraduzir seria “pensar a historicidade da tradução, sua temporalidade e as relações que se estabelecem entre diferentes traduções” (Faleiros & Mattos, 2017, p. 10).

Um dos autores notáveis que se dedicou ao estudo da retradução foi Antoine Berman. O teórico, em um texto de 1990, estabelece um processo que descreveria a prática da retradução e suas diferenças em relação às primeiras traduções de uma obra. Esse processo é sintetizado por Faleiros e Mattos:

[...] a primeira tradução é naturalizadora, na medida que introduz a obra estrangeira à cultura receptora; reduz a alteridade, a fim de melhor integrá-la a essa cultura outra que a recebe, aclimatando-a a partir de imperativos sócio-culturais que privilegiam o destinatário. A retradução, por sua vez, faz um movimento ao encontro do texto-fonte [...] busca-se a afirmação do outro na tradução, sua estranheza, sua estrangeiridade. (Faleiros & Mattos, 2017, p. 13)

O autor considera a retradução um processo marcado pelo tempo, sujeito a mudanças socioculturais. Berman afirma que traduzir é uma atividade inserida na historicidade e, portanto, traduções envelhecem e são incompletas (Berman como citado em Faleiros e Mattos, 2017).

Há, porém, certa contradição em Berman. Se por um lado afirma-se a historicidade da tradução e retradução, por outro insinua-se algo como um curso teleológico da história. O primeiro passo seria a tradução naturalizadora e, em seguida, a retradução estrangeirizadora, como uma etapa natural na “evolução”. Essa problemática reaparece em outra afirmação do teórico. Segundo Berman, enquanto a tradução é caracterizada por uma incompletude, a retradução pode se tornar o lugar da completude, uma “grande tradução” que perduraria tanto quanto o original. A completude de uma retradução acaba por pressupor um texto fora da historicidade, uma visão um tanto idealista do autor (Faleiros e Mattos, 2017).

Yves Gambier problematiza as proposições de Berman em mais de uma ocasião. Gambier critica o que seria uma “visão logocêntrica do texto e da imanência do sentido”. Não haveria cenário no qual um tradutor possa agir “fora da ideologia e da cultura, suspenso da historicidade” (Gambier como citado em Faleiros e Mattos, 2017, p. 21). Da mesma forma, questiona a postura de caráter evolucionista e da visão teleológica das traduções na história, que se moveriam em direção ao progresso, a uma grande retradução completa descolada da ideologia e da historicidade (Gambier como citado em Faleiros e Mattos, 2017).

Álvaro Faleiros e Thiago Mattos (2017), apoiados em Gambier, vão além da ideia de que é preciso retraduzir simplesmente porque as traduções envelhecem, e discorrem sobre mais alguns dos motivos pelos quais se deve retraduzir. Um motivo citado é simplesmente o juízo de que uma tradução é insatisfatória, e que o texto-fonte deve ser revisitado para que elementos considerados fundamentais sejam reproduzidos na nova tradução. Está englobada a “correção” de possíveis erros ou omissões da primeira tradução. A retradução também pode ser desejada porque a primeira tradução não foi feita diretamente da língua do texto original.

Outra justificativa fornecida por Faleiros e Mattos (2017) dialoga com a teoria da reescrita de André Lefevere. Retraduz-se porque *quer-se ressignificar* um texto ou autor (Faleiros e Mattos, 2017). Não se trata, portanto, de um processo natural e espontâneo de mudança de visão dos leitores sobre um texto, mas sim de um processo que é inevitavelmente intermediado por agentes — nos termos de Lefevere, por reescritores, que manipulam deliberadamente ou não a recepção de um texto ou autor, motivados por correntes ideológicas e/ou poetológicas.

Naturalmente, também se retraduz por questões mercadológicas. Por exemplo, porque uma obra que cai em domínio público torna sua publicação mais barata para editoras; ou porque uma editora deseja trabalhar determinado autor, vendendo uma tradução supostamente diferente das existentes, em um projeto que pretende ser a “verdadeira” face de dado autor ou texto (Faleiros & Mattos, 2017).

Diversos pontos ajudam a explicar o novo projeto de tradução de GSV promovido pela Editora Hanser. As traduções de Berthold Zilly têm um histórico de êxito. Sua tradução de *Os Sertões*, em 1994, fez grande sucesso na Alemanha, rendendo diversos prêmios ao tradutor. O interesse pela cultura brasileira também cresceu durante a Copa do Mundo da FIFA na Alemanha, em 2006, quando ocorreu a “Copa da Cultura”, programa cultural brasileiro realizado no país germânico. Durante o evento estiveram em cartaz exposições de literatura, cinema, música e outros aspectos da cultura brasileira. A “Copa da Cultura”, realizada em um momento em que o mundo olhava para a Alemanha, chamou atenção de muitos para a cultura do Brasil (Thorau, 2010).

17

Em entrevista de 2008 ao Itaú Cultural⁸, Berthold Zilly — após sua tradução de *Os Sertões*, mas antes da encomenda da tradução de GSV — relata que observava na Alemanha uma “demanda por coisas brasileiras”, especialmente entre estudantes universitários. O professor e tradutor diz que os estudantes interessados na língua portuguesa faziam a opção de estudar a variedade brasileira, apesar do maior esforço do governo português em exportar sua cultura, frente ao pouco incentivo brasileiro. É seguro afirmar, evidentemente, que há motivação mercadológica por trás da retradução de GSV.

Berthold Zilly comenta em outra entrevista — a Luiz Rebinski Junior no jornal *Cândido* — que a editora Hanser planeja publicar o romance de Guimarães Rosa como parte de uma grande coleção que reúne “obras clássicas da literatura universal”, em edições de luxo, acompanhadas de paratextos e notas (Rebinski, 2012). A coleção da Hanser inclui edições das obras mais canônicas da literatura, como *Moby Dick*, *Ilíada*, *Madame Bovary* e *Anna Karenina*. O caso é fácil de relacionar ao comentário de Faleiros e Mattos (2017): uma editora, a Hanser, pretende reintroduzir um autor no mercado editorial com a publicação de uma nova tradução que mostre o “verdadeiro” Rosa. Observa-se também como até a coleção na qual um livro está inserido faz parte do processo de sua reescrita, mesmo antes de sua publicação. Na ocasião, uma reescrita que apresenta a obra não só como um clássico brasileiro, mas um clássico universal.

Novamente em uma entrevista, Berthold Zilly fala à TV UFSC⁹ de outras motivações por trás da retradução de GSV. O tradutor comenta sobre a grande fortuna crítica de GSV existente — hoje muito maior do que o que estava disponível para Meyer-Clason em 1964 —, que fornece nova base para ressignificar o romance de Guimarães Rosa. Na mesma ocasião, Zilly diz que pretende “dar dicas para ajudar o leitor a entender a atualidade do livro”. Evidencia-se mais uma vez a capacidade de manipulação de um reescritor.

O próprio Meyer-Clason, em 1965, afirmou que traduções têm um “prazo de validade” e calculou — hoje vê-se que com certa margem de erro — que a sua tradução de GSV teria “uma sobrevida de 35 anos” (Esteves, 2012). Décadas depois, Zilly destaca como a visão contemporânea da Alemanha sobre o sertão é diferente, dado o aumento da quantidade de referências disponíveis ao leitor alemão:

Não há paisagem parecida na Alemanha, mas muitos leitores terão visto filmes sobre o sertão, de Glauber Rocha, de Nelson Pereira dos Santos, de Ruy Guerra, de Walter Salles, de Karim Aïnouz e outros, ou reportagens na televisão, ou lido artigos com fotos em jornais e revistas, e terão lido outros livros, como os mencionados, de Euclides da Cunha e Vargas Llosa, ou de Graciliano Ramos, em alemão. (Rebinski, 2012, s/n)

18

Berthold Zilly, em palestra ao Departamento de Letras Modernas da Universidade de São Paulo¹⁰, ressalta que a própria palavra “sertão” já foi incluída no *Duden*, um dos maiores dicionários da língua alemã (Zilly, comunicação pessoal, 05 de abril de 2013). E na entrevista a Rebinski, acrescenta:

Hoje, o sertão pertence às paisagens da literatura universal, como a Normandia, a Bretanha, o Vale do Reno, a Toscana, o Peloponeso, as montanhas da Escócia, La Mancha, a Toscana, o Pampa, o Faroeste, as grandes cidades do mundo (Rebinski, 2012) (Zilly, comunicação pessoal, 05 de abril de 2013).

Em mais uma instância dos processos de reescrita de GSV, diferente de Meyer-Clason, Berthold Zilly e sua editora promovem uma leitura do livro de Rosa que se pretende universal, em vez de uma visão exótica do sertão. Nota-se a trajetória de Zilly, que “refaz” o caminho de Guimarães Rosa, partindo de sua tradução de *Os Sertões* de Euclides da Cunha e chegando em GSV.

No artigo de 2017, “*Procuo chocar e estranhar o leitor*”: *Grande Sertão: Veredas – a poética da criação e da tradução*, Berthold Zilly discute sua proposta de tradução para GSV. Zilly relaciona sua estratégia tradutória ao que seria o desejo de Rosa para a recepção de seu romance — embora reconheça que as supostas “intenções do autor” não devam ser sacralizadas durante o processo de tradução:

O desejo rosiano de “[...] chocar, ‘estranhar’ o leitor, não deixar que ele repouse na bengala dos lugares-comuns, das expressões domesticadas e acostumadas [...]” (Verlangieri como citado em Zilly) lembra estratégias estranhadoras e estrangeirizadoras recomendadas aos tradutores por Schleiermacher, Benjamin, Berman, Venuti e outros (Zilly, 2017, p. 8).

Berthold Zilly afirma que Meyer-Clason “produziu um texto muito bem legível, mas a originalidade, a novidade estilística em grande parte se perdeu” (Zilly como citado em Esteves, 2012, s/n). A intenção e propostas de Zilly opõem-se a Meyer-Clason e alinham-se aos passos traçados por Antoine Berman para a retradução.

19

[...] a primeira tradução é naturalizadora [...] reduz a alteridade. [...] A retradução, por sua vez, faz um movimento ao encontro do texto-fonte [...] busca-se a afirmação do outro na tradução, sua estranheza, sua estrangeiridade (Berman como citado em Faleiros e Mattos, 2017, p. 13).

A tradução-introdução/tradução-aclimatação dá lugar, assim, a uma tradução que lança luz às especificidades linguísticas, estilísticas e textuais daquele texto-fonte, retraduzindo-o na sua singularidade (Faleiros & Mattos, 2017, p. 33).

Mesmo considerando as já mencionadas críticas feitas à teoria de Berman, é possível traçar paralelos com o caso em estudo. De fato, Zilly parece propor que sua retradução vá lançar luz justamente às “especificidades linguísticas, estilísticas e textuais” do texto-fonte, apagadas na “tradução-introdução” de Meyer-Clason, caracterizada como mais exotizante. Retraduzir um texto em sua “singularidade, buscando a afirmação do outro” pode ser lido, no contexto da retradução de Zilly, como uma rejeição ao exótico — embora novamente se reforce que

estratégias de estrangeirização ou domesticação não necessariamente correspondem à discussão entre universal e exótico.

Berthold Zilly (2017) reconhece sua posição de retradutor ao dizer que precisa considerar não só a fortuna crítica da obra original, mas também sua “fortuna tradutória, que, por sua vez, *formou a ideia que muitos leitores têm do original*” [ênfase adicionada] (p. 6). Em sua afirmação, Zilly demonstra ciência da influência que um reescritor tem na forma como os leitores interpretam uma obra.

Discutindo a tradução de GSV por Meyer-Clason e tradutores de outras línguas, Zilly (2017) afirma:

[...] as recomendações do autor foram atendidas de modo bastante variado e às vezes reticente pelos tradutores, devido a ideias e práticas tradutórias que, à época, favoreciam estratégias assimiladoras, para atender um presumido gosto do público e interesse mercadológico das editoras (Zilly, 2017, p. 29).

E, discutindo o momento atual, completa:

Pode-se vislumbrar, no decorrer de mais de meio século de esforço tradutório voltado a esse romance, uma tendência a uma crescente aplicação da poética rosiana, graças a maiores recursos de pesquisa e, sobretudo, a uma crescente disposição, da parte de leitores, críticos e editores, de aceitar traduções com elevado grau de ‘choque’ e ‘estranhamento’ (Zilly, 2017, p. 29).

Zilly discute a tradução de Meyer-Clason falando de um “presumido gosto do público” — ou seja, que poderia ser falso —, e associa as estratégias ao “interesse mercadológico”. E quando comenta do contexto de sua própria tradução, fala em “tendências” e “crescente disposição de leitores”. Assim como em Berman, a análise assume certo tom de evolução natural, enquanto parece falhar em atestar que está ocorrendo uma repetição inevitável da manipulação do reescritor, como já ocorreu com Meyer-Clason, mas que agora pende para outro lado — e cuja valoração está para além desta análise.

Conclusão

Mesmo que a segunda tradução de Zilly ainda não tenha sido publicada, seu processo de reescrita já está em andamento — e sem a disponibilidade da tradução em si, pode mostrar-se até mais evidente. Em entrevistas, palestras, artigos, matérias de jornal e por tantos outros elementos, a manipulação do reescritor já está ocorrendo. Berthold Zilly é um reescritor assim como Curt Meyer-Clason. O momento da reescrita de GSV na Alemanha aparenta estar se direcionando, com influência de reescritores, para a construção de uma nova ótica, que agora promove o romance de Guimarães Rosa não como objeto exótico, mas como sujeito de caráter universal. Sendo a reescrita um processo, essa análise há de ser feita continuamente, especialmente após a publicação da retradução de Zilly.

Entretanto, por mais que a posição dos dois tradutores possa ser vista como antagônica, seus papéis como reescritores não se distanciam. Se Curt Meyer-Clason traduziu GSV de forma mais “conservadora” porque entendia que seu público esperava por isso, também Berthold Zilly justifica sua tradução que se pretende mais “experimental” porque entende que seu público está aberto a isso — sejam as leituras de Meyer-Clason e Zilly acerca de seus públicos corretas ou não.

21

O próprio Berthold Zilly, em seu artigo *O tradutor implícito: Considerações acerca da translíngualidade de Os Sertões*, comenta — mesmo que em outro contexto e relacionado a outra tradução — sobre duas posições distintas que se assemelham às visões discutidas aqui, reconhecendo a validade de ambas:

Podem-se portanto observar dois procedimentos intelectuais e lingüísticos complementares: por um lado o sertão é integrado na cultura universal, é elevado, nobilitado, inclusive com seus elementos misteriosos e desconcertantes, como uma das grandes paisagens do imaginário mundial. Por outro lado a cultura universal explica o sertão, o que relativiza a sua particularidade e incompreensibilidade (Zilly, 2000, p. 99).

O tradutor entende a relevância das duas posições, por mais que também considere um perigo que “a comparação e a equiparação, por mais elucidativas que sejam, tendem [tendam] a subordinar o desconhecido ao já conhecido, tolhendo-lhe a sua singularidade, sua imponência, sua força” (Zilly, 2000, p. 99).

De qualquer forma, entende-se que a tradução de Meyer-Clason não é mais ou menos legítima do que o projeto de retradução de Zilly; são apenas dois processos de reescrita distintos, inseridos e influenciados pelos seus próprios tempos e contextos.

REFERÊNCIAS

- Barbosa, F. L. C. (2010). Leituras de Grande sertão: veredas: * sua tradução alemã e a correspondência de Guimarães Rosa com seu tradutor alemão Curt Meyer-Clason. *Signótica*, 22(1), 57–68. <https://doi.org/10.5216/sig.v22i1.12722>
- Bolle, W. (2004). *Grandesertão.br: O romance de formação do Brasil*. Editora 34.
- Bonomo, D. R. (2010). A biblioteca alemã de João Guimarães Rosa. *Pandaemonium Germanicum*, (16), 155-183. <https://doi.org/10.1590/S1982-88372010000200008>
- Esteves, B. (2012). O jagunço de Munique. *Revista Piauí*, (67). <https://piaui.folha.uol.com.br/materia/o-jagunco-de-munique/>
- Faleiros, A., Mattos, T. (2017). *A retradução de poetas franceses no Brasil: de Lamartine a Prévert*. Rafael Copetti Editor.
- Fernando Graça. (8 de dezembro, 2016). *Guimarães Rosa - Entrevista raríssima em Berlim (1962)* [Vídeo]. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=ndsNFE6SP68&ab_channel=FernandoGra%C3%A7a
- Itaú Cultural. (23 de março, 2019). *Berthold Zilly - Conexões Itaú Cultural (2008) - Parte 2/3* [Vídeo]. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=Iaq3hoyRuLM&ab_channel=Ita%C3%BACultural
- Kutzenberger, S. (2005). *Europa in Grande Sertão: Veredas / Grande Sertão: Veredas in Europa*. Editions Rodopi B.V.
- Lapelusp. (22 de maio, 2013). *Grande Sertão Veredas em Alemão - Palestra de Berthold Zilly* [Vídeo]. Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=wr7im4vl-AU&ab_channel=lapelusp
- Lefevere, A. (1992). *Translation, Rewriting, & the Manipulation of Literary Fame*. Routledge.
- Professor voluntário da UFSC recebe prêmio de tradução na Suíça*. (6 de julho, 2019). Notícias da UFSC. Recuperado em 19 de Maio, 2023, em <https://noticias.ufsc.br/2019/07/professor-voluntario-da-ufsc-recebe-premio-de-traducao-na-suica/>

Rebinski Junior, L. (17 de dezembro, 2012). Especial Capa: Grande sertão alemão. *Cândido*.
<https://www.bpp.pr.gov.br/Candido/Pagina/Especial-Capa-Grande-sertao-alemao>

Rosenfield, K. (2020). Quecksilbersachen: J.G. Rosa und Curt Meyer-Clason. In: Ette, O., Soethe, P. A. (Eds.), *Guimarães Rosa und Meyer-Clason: Literatur, Demokratie, Zusammenlebenswissen*. (pp. 247-267). De Gruyter.
<https://doi.org/10.1515/9783110677713>

Thorau, H. (2010). Rezeption mit Rezept: Wie brasilianisches Theater deutsches Theater animiert. In: Bader, W. (Ed.). *Deutsch-brasilianische Kulturbeziehungen: Bestandsaufnahme, Herausforderungen, Perspektiven*. (pp. 155-170). Vervuert Verlag.

Vejmelka, M. (2008). *A Obra de Jorge Amado nas Alemanhas Oriental e Ocidental: suas recepções e traduções*. Casa de Palavras.

Ventura, R. (1996). Euclides da Cunha e a República. *Estudos Avançados*, 10(26), 275-291.
<https://doi.org/10.1590/S0103-40141996000100024>

Zilly, B. (2000). O tradutor implícito. Considerações acerca da translingualidade de *Os Sertões*. *Revista USP*, (45), 85-105. <https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i45p85-105>

Zilly, B. (2017). “Procuro chocar e estranhar o leitor”. Grande Sertão: Veredas – A poética da criação e da tradução. *FronteiraZ. Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados Em Literatura E Crítica Literária*, (19), 4-31. <https://doi.org/10.23925/1983-4373.2017i19p4-31>

¹ No Brasil: *Tradução, reescrita e manipulação da fama literária*. Tradução de Claudia Matos Seligmann. Bauru: Edusc, 2007.

² No original: “In the past, as in the present, rewriters created images of a writer, a work, a period, a genre, sometimes even a whole literature” (Lefevere, 1992, p. 5).

³ Em termos gerais, a oposição estrangeirização e domesticação, quando analisada como duas possíveis estratégias de tradução, descreve abordagens distintas. A primeira privilegiando a adaptação de elementos da cultura de origem à cultura de chegada, promovendo certo apagamento de diferenças culturais e tornando o texto mais familiar ao leitor; e a segunda mantendo diferenças culturais, conferindo certa “estranheza” ao texto de chegada.

⁴ Entrevista presente no documentário *Outro Sertão*, de 2013. Trecho recuperado em 10 de maio, 2023, em https://www.youtube.com/watch?v=ndsNFE6SP68&ab_channel=FernandoGra%C3%A7a.

⁵ cf. Rosa como citado em Bonomo, 2010, p. 157.

⁶ Recuperado em 19 de maio, 2023, em <https://noticias.ufsc.br/2019/07/professor-voluntario-da-ufsc-recebe-premio-de-traducao-na-suica/>.

⁷ Respectivamente: *Krieg im Sertão*, pela Suhrkamp Verlag (1994); *Das traurige Ende des Policarpo Quaresma*, Ammann Verlag (2001); *Das Brot des Patriarchen*, Suhrkamp Verlag (2004).

⁸ Recuperado em 10 de maio, 2023, em https://www.youtube.com/watch?v=laq3hoyRuLM&ab_channel=Ita%C3%BACultural.

⁹ Recuperado em 19 de maio, 2023, em <https://noticias.ufsc.br/2019/07/professor-voluntario-da-ufsc-recebe-premio-de-traducao-na-suica/>.

¹⁰ Recuperado em 10 de maio, 2023, em https://www.youtube.com/watch?v=wr7im4vl-AU&ab_channel=lapelusp.